



Milho: proteção contra novas altas

Produtores de aves e suínos buscam formas de reduzir impacto de fortes reajustes no preço do seu principal insumo

**Tânia Rabello
Fernanda Yoneya**

Após ter batido por volta de R\$ 35 a saca de 60 quilos no fim do ano passado, o preço do milho parece ter iniciado o caminho de volta ao nível de preços históricos, entre R\$ 18 e R\$ 20 a saca. No início de agosto, ele já estava cotado em R\$ 24, segundo levantamento do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea-Esalq/USP), trazendo alívio aos principais consumidores do cereal: os setores de avicultura e suinocultura. Com a entrada da safrinha, em plena colheita, a perspectiva de reposição de perdas para ambos os setores é mais animadora.

Passada a tempestade, porém, os avicultores e suinocultores começam a encontrar soluções para não depender tanto do esquema “da mão para a boca”. “Agora, além dos avicultores, teremos também produtores de milho em regime de integração”, diz o gerente industrial da Korin, Luiz Carlos Demattê. A empresa, produtora de frangos de corte e ovos em Ipeúna (SP), produz 1.200 toneladas de ração – composta por 70% de milho –, distribuídas mensalmente aos integrados, produtores de frangos.

ECONOMIA MENSAL

“A saca de milho na nossa região chegou a R\$ 33,30, entre fevereiro e março”, diz Demattê. “Tivemos de comprar a este preço, não teve jeito.” Agora, com a baixa no preço do milho, Demattê já calculou sua economia mensal em relação ao que estava pagando há cerca de um mês: R\$ 28 mil.

Com a integração entre a Korin e os produtores de milho,



TASSO MARCELO/AE

COLHEITA – Safrinha e redução nas exportações provocaram baixa recente nas cotações



FONTE: CEPEA/ESALQ/USP

INFOGRÁFICO/AE

Demattê acredita que será possível fugir de oscilações tão fortes de preços do principal insumo utilizado na granja – são de 700 a 750 toneladas de milho consumidas por mês na fábrica de ração. “Pagaremos preço de mercado, mas será mais fácil negociar valores, já que daremos garantia de compra.”

O pesquisador do Cepea, Lucílio Alves, acrescenta que outra boa saída para o avicultor e o suinocultor não ficarem tão à

mercê de oscilações bruscas de preços é fechar contratos antecipados de compra, para fixar um preço que seja compensador tanto para o produtor quanto para o agricultor.

PATAMAR ADEQUADO

“A negociação fica num patamar adequado para ambas as partes”, diz Alves, acrescentando que, para se garantir, ideal é fazer contratos antecipados, mas que estejam vincu-

lados a algum sistema de hedge junto às bolsas de mercados futuros. “Os bancos oferecem uma série de alternativas para proteger o produtor dessas oscilações”, afirma Alves.

A Associação Paulista de Criadores de Suínos (APCS) tam-

Empresa vai passar a integrar produtores de milho

bém tem alertado os produtores sobre formas de se proteger de novas altas. “O mercado futuro será ferramenta fundamental para os criadores se protegerem”, diz o presidente da APCS, Valdomiro Ferreira Júnior.

Ele aponta como vantagem da negociação via bolsa a possibilidade de reduzir riscos. “O produtor tem como se programar, porque o mercado físico é mais suscetível a oscilações.” Na BM&F, é possível fixar um bom preço de compra, “proteger” o valor da mercadoria, ou fazendo “hedge”. ●

Suinocultor trava preço em contrato futuro

Adepto do mercado futuro há três anos, o suinocultor José Rosseto, de Cerqueira César (SP), diz que pretende continuar a operar nesse mercado, diante do risco de novas altas no preço do milho. “No ano retrasado, quando o milho bateu R\$ 35/saca no mercado físico, consegui travar R\$ 17/saca no mercado futuro”, conta Rosseto, que possui 10 mil matrizes.

Na ocasião, o contrato do criador era para 80 mil sacas. Na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F), o contrato de milho equivale a 450 sacas. “Contratei uma corretora autorizada”, diz.

Segundo Rosseto, o preço da saca saltou de R\$ 14 a R\$ 17 para R\$ 30 este ano. Agora, está cotada entre R\$ 24 e 26. A granja consome 60 mil sacas de milho/mês. “Seria ainda melhor se a bolsa tivesse contrato para suínos.”

PRODUÇÃO PRÓPRIA

Para se proteger de novas altas, o suinocultor Matheus Bressiani, de Salto (SP), vai ampliar a produção própria de milho. “O milho representa 42% dos gastos com ração. Qualquer alteração no preço já reflete nos custos”, afirma Bressiani, cujo plantel consome 800 sacas de milho/dia.

“Hoje, consigo suprir 20% da demanda de milho com produção própria, mas a meta é tornar a granja auto-suficiente em milho”, afirma. O criador conta que já substituiu parte do milho por sorgo e farelo de arroz. ● F.V.